
Meio Mundo 2¹: a fortificação calcolítica do Alto de São Gens (Redondo/Estremoz, Alentejo Central)

RUI MATALOTO*

“Olhamos hoje as muralhas calcolíticas com um sentimento misto, já não de surpresa, tão frequentes elas se tornaram na dobra do milénio, mas de apreensão perante a dificuldade que temos em as compreender. Mas o mundo mudou, tanto na altura em que elas foram construídas como agora (...)”
(Gonçalves, 2003, p.320)

R E S U M O A realização de uma intervenção de avaliação dos danos causados pela implantação de uma antena radiofónica no Alto de São Gens conduziu à identificação de uma estrutura calcolítica, aparentemente de fortificação. Pretendeu-se com o enquadramento desta ocupação no contexto arqueológico da serra d’Ossa e no Sul peninsular tecer alguns comentários sobre territorialidades e beligerância no III milénio a.C. do Alentejo Central.

A B S T R A C T The occurrence of an emergency excavation to evaluate the damage caused by the installation of a radio antenna at the site of *Alto de São Gens* led to the discovery of a Chalcolithic structure that appears to be a fortification. Within the archaeological context of the *Serra d’Ossa* and the southern Iberian peninsula, this article aims to put into context this site and comment on territories and warfare during the 3rd millennium BC in the area of the Central Alentejo.

Intervenção de avaliação: projecto e objectivos

O presente trabalho deriva de uma curta campanha de escavação de apenas cinco dias, efectuada por uma equipa de três pessoas, tendo como propósito averiguar, *a posteriori*, qual o impacto arqueológico derivado da instalação da antena de uma rádio local.

A denúncia, junto da Câmara Municipal de Redondo, de que se encontrava em processo de instalação a dita antena, sem que nada de arqueológico fosse acautelado, desencadeou um processo de averiguação acompanhado de perto pelo Instituto Português de Arqueologia – Extensão do Crato. Uma primeira visita conjunta ao local permitiu verificar que a implantação da estrutura e edificação de apoio tinham causado danos patrimoniais, evidentes na presença de abundantes materiais arqueológicos nas terras remobilizadas. Assim, ainda que a destruição já se encontrasse efectuada, decidiu-se por uma intervenção de avaliação dos danos causados. Para o efeito foi contactada a Rádio Borba, entidade detentora da estrutura radiofónica, no sentido de custear os trabalhos necessários; a grande abertura demonstrada, desde o primeiro momento, pela Rádio Borba e pelo seu presidente, Dr. Angelo de Sá, facilitou o normal desenvolvimento do processo, que acabaria por decorrer a par de outro respeitante ao mesmo local, cujos resultados já se encontram em fase de publicação (Mataloto, 2004).

Definiu-se, então, a necessidade de se realizarem quatro sondagens, espaçadas segundo a dispersão dos pontos de apoio da antena e da sua instalação, junto da qual se realizou uma pequena edificação de apoio. Implantaram-se, de início, três sondagens de 1 m² e uma de 4 m², as quais foram posteriormente alargadas em função dos resultados obtidos e dentro do prazo de cinco dias definido para a realização dos trabalhos; no final da escavação, a área intervencionada perfazia um total de 22 m². Os trabalhos foram realizados na semana de 2 a 6 de Fevereiro de 2004, por uma equipa composta pelo autor destas linhas, pela técnica Conceição Roque e o trabalhador Hugo Pereira.

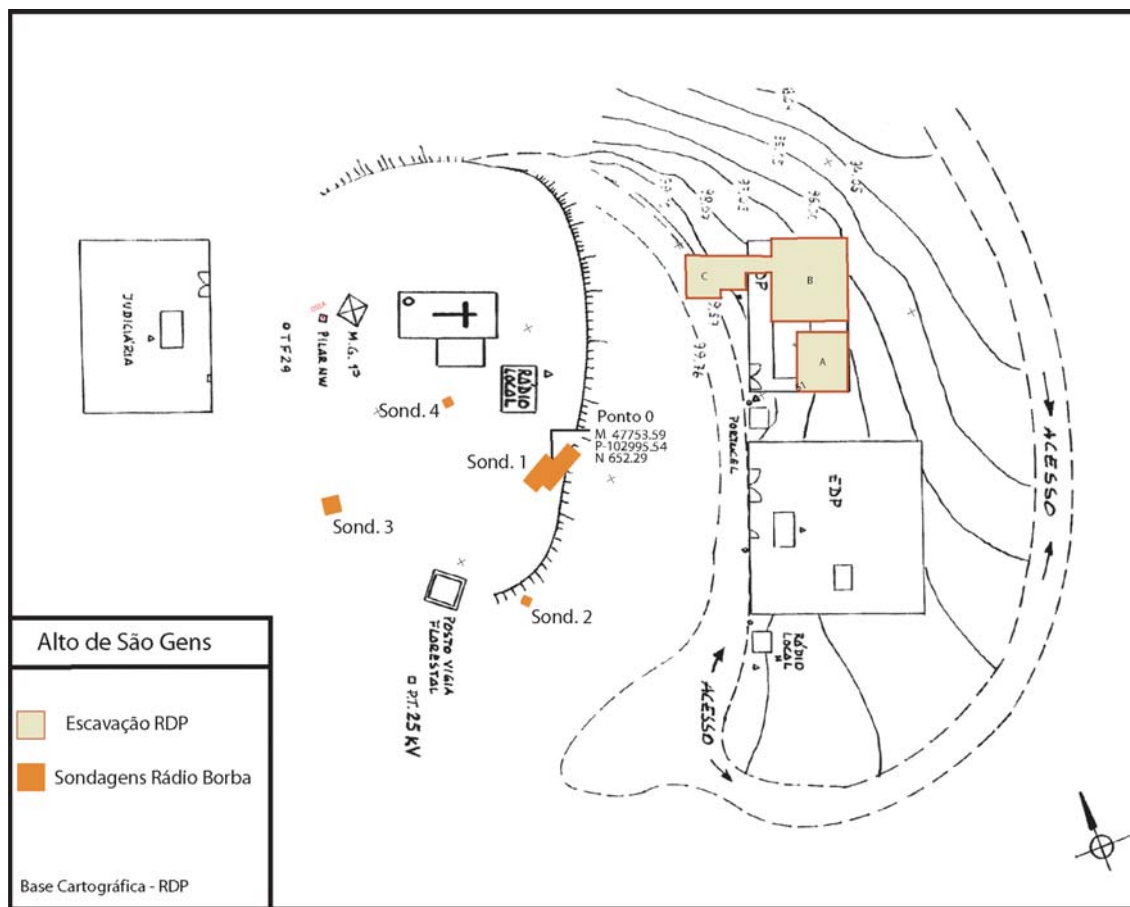


Fig. 1 Implantação das sondagens da Rádio Borba no Alto de São Gens.

Serra e paisagem: caracterização geográfica

Tendo em linha de conta os comentários tecidos sobre a realidade geográfica do Alto de São Gens no anterior trabalho sobre este local (Mataloto, 2004), julgo desnecessário apresentar mais que uma descrição telegráfica da topografia e do seu enquadramento geográfico.

O Alto de São Gens é o cume da serra d'Ossa, atingindo os 653 m de altitude; este acaba por se assumir como um cerro rochoso, de topo aplanado, situado no ponto de confluência de várias linhas de cumedeada, sobranceiro às duas principais portelas da serra — Meio Mundo e Vale de Infante. Elevado perto de 400 m acima da planície circundante, obtém-se a partir dele uma visibilidade absolutamente circular, que se alarga a cerca de uma centena de quilómetros, sendo de voltar a referir que nos dias mais límpidos de Inverno se podem ver os cumes nevados da Serra da Estrela. A serra d'Ossa, e logo também o cerro de São Gens, situa-se numa importante linha de festo entre a bacia do Tejo e a do Guadiana, que se relacionam por importantes portelas, que facilitam a circulação N-S e permitem o contacto entre vias naturais de transitabilidade Este-Oeste, que marginam ambos os lados da serra.

No topo, as agruras do clima invernosu tornam a ocupação do local particularmente desagradável, ainda que a disponibilidade de água não muito longe do topo, tal como a presença de pequenas plataformas agricultáveis nas encostas, além de importantes pastos para rebanhos de caprinos, possibilitem uma estância prolongada.

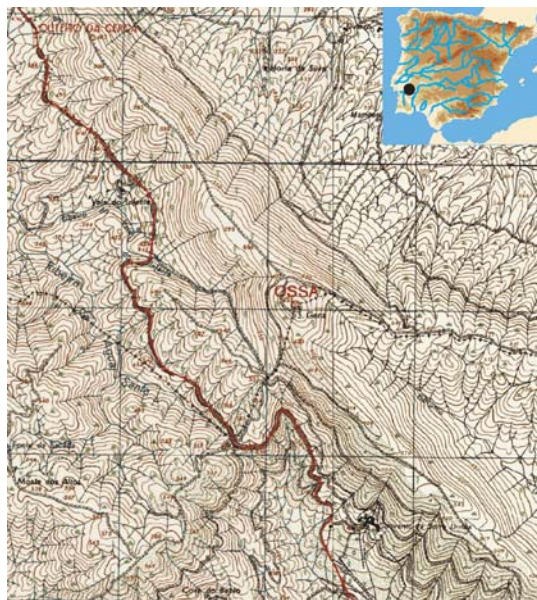


Fig. 2 Localização do Alto de São Gens na CMP 439 – 1:25 000.

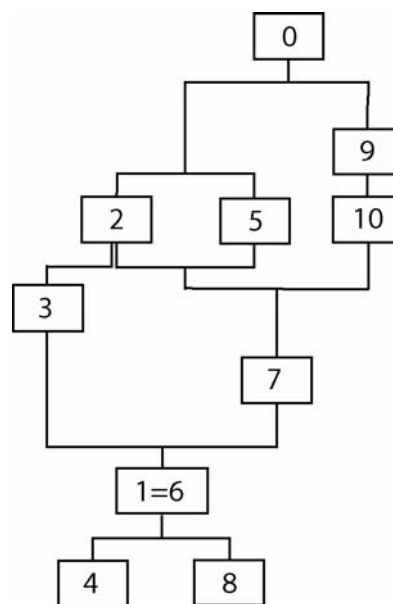


Fig. 3 Matriz da campanha Rádio Borba no Alto de São Gens.

Aspectos metodológicos e estratigráficos de uma “blitzescavação”

Em termos gerais, a metodologia seguida respeitou os princípios estabelecidos por P. Barker (1977) e E. Harris (1979) para uma escavação em “open area”, efectuando-se a fotografia e o desenho individual em planta de cada unidade estratigráfica, sendo removidas na ordem inversa da sua deposição; as condicionantes tempo e conservação conduziram à decisão da remoção parcial de algumas unidades estratigráficas.

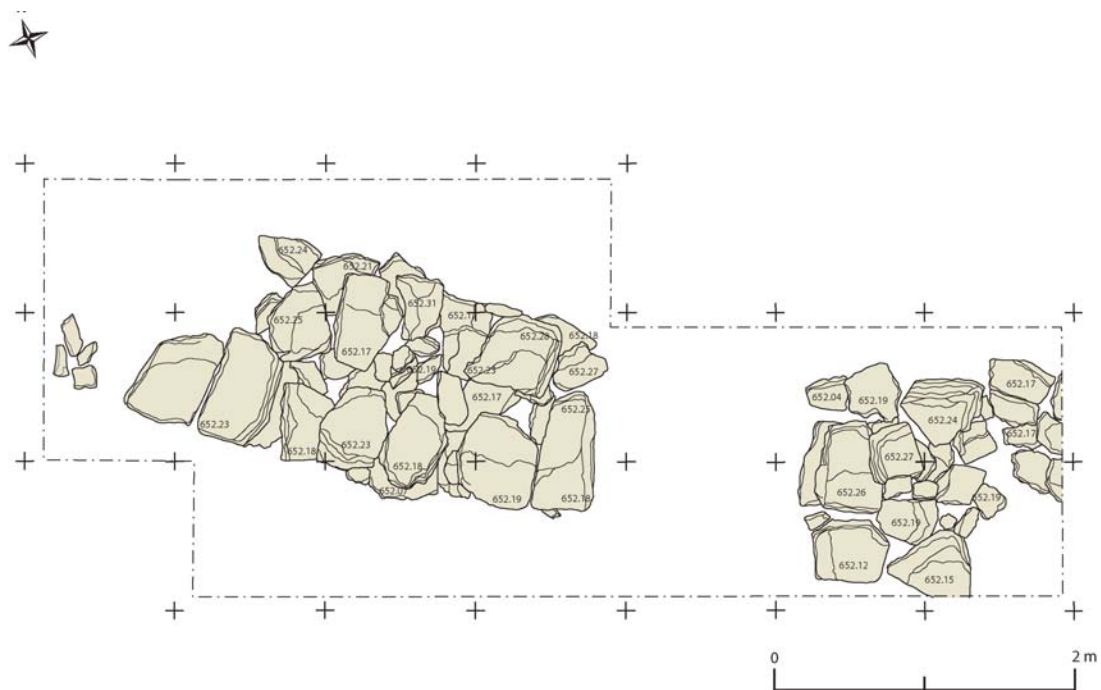


Fig. 4 Planta das estruturas [1] e [6], na Sondagem 1.

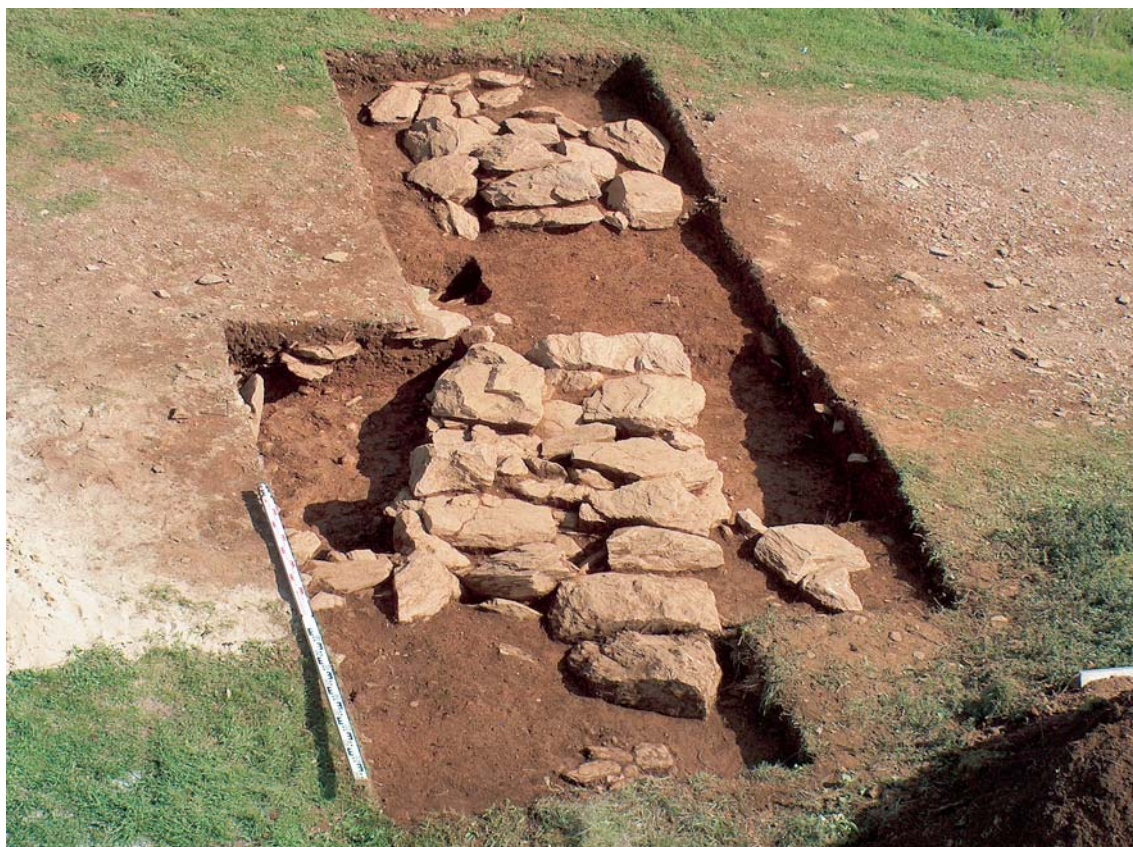


Fig. 5 Estruturas [1] e [6] vistas de Poente.

Sondagem 1

Corresponde à maior área escavada nesta campanha (16 m²) e a única onde se registou estratigrafia conservada. O conjunto estratigráfico não se apresentava particularmente complexo, sendo dominado pela presença de duas grandes estruturas realizadas em blocos do xisto local, de grande e médio calibre (UE's [1 e 6]); estas encontravam-se em correlação de continuidade directa, separadas por uma interrupção com pouco mais que 1 m de largura, que pode ser interpretada como um vão de acesso (v. Figs. 4 e 5).

De modo a averiguar a potência estratigráfica e a possível existência de estratos conservados sob as estruturas decidiu-se escavar de um e outro lado do muro [1], obtendo-se uma área próxima a 4 m², que os constrangimentos de tempo impediam ser maior. Assim verificou-se que o muro [1] assentava sobre um ou dois estratos ([4] e [8]), denunciando a sua construção após o início da ocupação humana no local. Encostados às duas grandes estruturas murais formaram-se diversos estratos, podendo as unidades [2], [3] e [5] corresponder aos seus derrubes, numa fase de abandono. Aparentemente quando esta estrutura se encontrava já abandonada foi aberta uma estrutura negativa de reduzidas dimensões, [10], que se encontrava preenchida por terras negras, com abundantes cinzas [9].

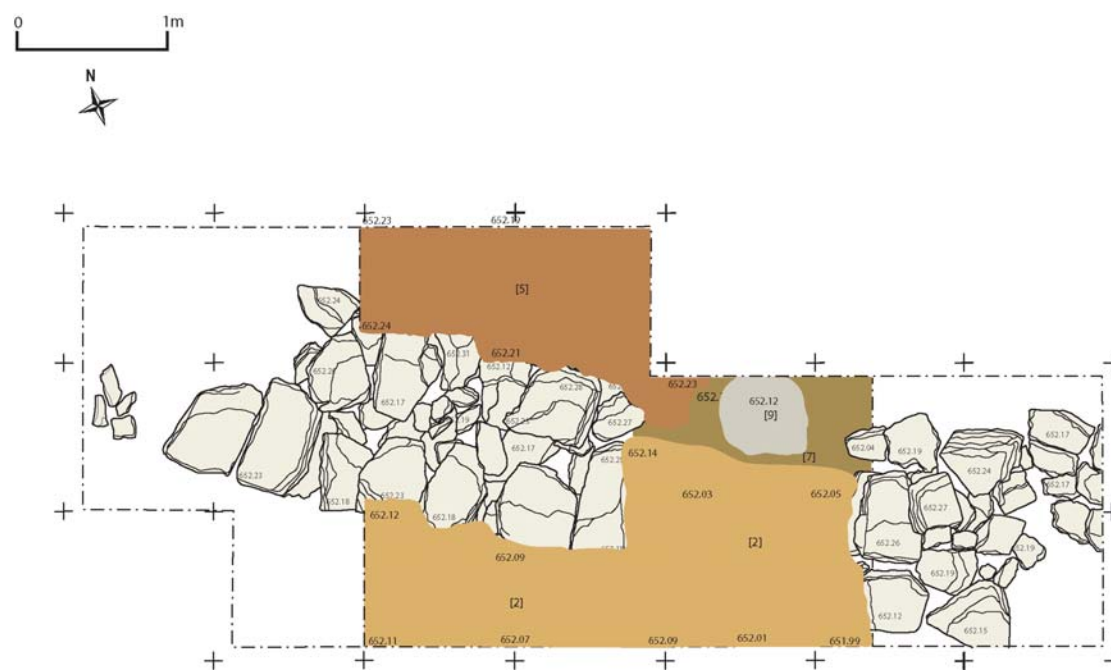


Fig. 6 Planta da Sondagem 1 e unidades estratigráficas diversas.

O conjunto de materiais recolhido é escasso, podendo integrar-se na sua quase totalidade, apesar da escassez de claros indicadores morfológicos, nas produções do III milénio a.C. da região. Os materiais recolhidos, mesmo quando não classificáveis, distinguem-se por completo das restantes produções manuais registadas neste local, nomeadamente as correspondentes à ocupação do início da Idade do Ferro detectada na campanha da RDP; as pastas dos materiais calcolíticos surgem bastante mais compactas e de cozeduras mais oxidantes que aquelas, permitindo uma separação total. Julgo relevante, e curioso, que nesta sondagem os materiais passíveis de integrarem as tipologias daquela ocupação são praticamente nulos, surgindo apenas no estrato superficial um

ou dois casos. Foi recolhido um machado de pedra polida no estrato superficial, tal como uma pequena lamela em quartzo hialino.

Sondagem 2

Pequena sondagem de 1 m², situada a sul da anterior, onde o único estrato detectado correspondia a terras remobilizadas de uma destruição anterior. Forneceu escasso espólio, unicamente cerâmico, tecnologicamente enquadrável nas produções da ocupação proto-histórica.

Sondagem 3

Esta começou por apresentar uma área de apenas 1 m², tendo-se posteriormente alargado a 4 m², em virtude do aparecimento de um conjunto pétreo aparentemente estruturado, UE[6]. Todavia, o avançado estado de desmantelamento da possível estrutura, realizada no xisto local e assente sobre o afloramento, não permitiu compreender efectivamente a sua natureza; estando associada a escasso espólio, dos dois momentos de ocupação mencionados, não permitiu se quer uma aproximação cronológica.

Sondagem 4

Situa-se junto ao topo, adjacente ao lado sul da ruína da capela de São Gens; apresenta uma área de 1 m², tendo registado um único potente estrato onde os vestígios dos escombros da capela (rebocos, telhas, etc.) se encontram embalados por uma terra humosa e acinzentada, desde a superfície. Curiosamente, foi nesta área que a destruição provocada por um dos apoios da antena mais havia revelado materiais arqueológicos antigos, agora totalmente inexistentes.

Os propósitos do trabalho foram inteiramente cumpridos, verificando-se que a destruição não havia sido substancial, ainda que afectasse uma área particularmente sensível, onde os últimos resquícios de uma ocupação calcolítica vêm sendo arrasados. A identificação de uma estrutura mural de grande porte, com o aspecto favorável de se ter reconhecido um vão de passagem, demonstra a total relevância desta pequena escavação de cinco dias.

No final, os vestígios foram devidamente soterrados, após cobertura com geotêxtil.

De muralhas e recintos murados: a ocupação calcolítica do Alto de São Gens

A estrutura identificada no Alto de São Gens transporta o discurso directamente para o cerne da discussão sobre as usualmente designadas e comprometidas estruturas de fortificação, ou para os agora designados recintos murados, não menos comprometidos com uma determinada “leitura” dos mesmos locais (Valera, 2003a, p. 151).

A recente publicação das actas de um encontro monográfico sobre espaços circunscritos do Calcolítico peninsular efectua, de certo modo, um ponto da situação sobre o estudo, e principalmente interpretação, destes sítios na sua diversidade (Jorge, 2003).

Não sendo o propósito deste trabalho apresentar uma recensão a esta publicação, gostaria apenas de frisar a feliz diversidade de leituras, das mais pós-modernas às mais tradicionais, ficando a tônica na diversidade, mas também na coexistência pacífica e na ritualidade. Contudo, o “doméstico” e o “quotidiano”, presente por certo em muitos destes sítios, ficou um pouco à margem, abafado por um mundo de ritualidades, como se estas não fossem igualmente parte de um quotidiano, e mesmo a sua justificação, que muitas vezes se fazia depender do rito.

Infelizmente, não partilho a visão pacifista, pós-moderna, induzida nas últimas duas décadas pelo fim da Guerra Fria; este será um texto marcado pelos novos tempos de beligerância, de Guerra Total, que tristemente assolam este início de século; neste particular, julgo seguir novas e velhas leituras das realidades do III milénio a.C. do Sul peninsular, onde os indícios de beligerância vêm a ser assumidos de modo cada vez mais claro (Kunst, 2000; Carman, 2000; Silva e Soares, 2000, p. 221; Gonçalves, 2003).

Por outro lado, e sem esquecer o contexto nacional e internacional da “Arqueologia Turística”, este ponto de situação trouxe-me à memória a velha questão de Norman Yoffee, agora adaptada às novas leituras: “To many Monuments?”

A escassez de dados sobre a ocupação calcolítica do Alto de São Gens, quer materiais quer estruturais, não permitirá que se teçam comentários alargados, pretendendo-se aqui uma caracterização que tem que ser obrigatoriamente breve.

A presença de um conjunto de materiais nos estratos sob a estrutura murária que julgo poder ser lida como fortificação indica provavelmente a existência de uma fase de ocupação prévia, eventualmente aberta, situação cada vez mais recorrente nas ocupações fortificadas calcolíticas.



Fig. 7 Sondagem 1 e paisagem para Nascente.

A busca do alto da serra para a instalação de uma comunidade populacional pode ser reflexo directo de alguma tensão comunitária, ainda que muitas outras razões pudessem condicionar esta escolha, nomeadamente a proximidade de boas pastagens, ou mesmo o simbolismo de se ocupar o ponto mais elevado da região, com o transcende que tal pode implicar.

O Alto de São Gens constituiu até muito recentemente um local de forte carga simbólica e de ritualidade, nomeadamente para as comunidades de pastores, que aqui reuniam os rebanhos para serem entregues à protecção divina, de modo a favorecer a sua renovação. As devoções a “São Cornelho” (São Cornélio) são disso exemplo, tendo sido lidas como claros resquícios de uma religiosidade remota (Moita, 1965).

Todavia, nada na pobreza dos vestígios nos indica qualquer aspecto de ritualidade, não tendo surgido qualquer registo que reforce uma componente simbólica; é também certo que apenas a sua localização estratégica, se lida do ponto de vista militar, e a construção de um espesso muro aparentemente perimetral parece apontar para o contexto de beligerância e tensão que se presume, e que os dados disponíveis a nível regional parecem confirmar.

As entidades arquitectónicas, mas também sociais, subjacentes ao conceito de “povoado fortificado” no IV/III milénio a.C. são, como não podia deixar de ser, polissémicas (Jorge, 1994, p. 478) tantas são as realidades humanas e os contextos histórico-geográficos onde se desenvolveram; todavia, apesar da diversidade estrutural que se vem reconhecendo, a construção de muralhas resulta da “existência de um confronto indiscutível” (Gonçalves, 2003, p. 317) ao menos no Sul peninsular; o que não inviabiliza, e talvez mesmo implique, a existência de todo um contexto simbólico e cénico inerente a um espaço mentalmente organizado em torno de uma identidade territorial materializada numa rede de fortificações, estruturalmente diversas e significantes.

Na realidade desconhecemos quase tudo da estrutura murária que parece cercar o topo do cerro, devendo ser bastante simples, ainda que a espessura e robustez da base indiquem a possibilidade de se erguer a vários metros de altura (v. Fig. 4). Creio que deve ter desempenhado uma clara função defensiva/ostensiva pela sua inserção na paisagem, que o topo da serra dotaria, certamente, de forte carga cénica. Esta estrutura poderia assemelhar-se bastante, na sua singeleza, aos fortins 3 e 6 de Los Millares (Arribas et al., 1985, p. 258) que, apesar da simplicidade da sua arquitectura, não deixaram de estar integrados numa rede defensiva e de controlo territorial centralizada por um amplo e complexo espaço fortificado, Los Millares. Julgo que poderá ser esta a via de entendimento da estrutura detectada no Alto de São Gens.

Creio que a “magreza” dos vestígios artefactuais, ao ponto de serem desconhecidos entre os materiais de superfície e mesmo nos recolhidos na intervenção de mais de 150 m² efectuada a menos de 50 m da Sondagem 1, apenas poderá transmitir a presença de uma reduzida comunidade humana num espaço de tempo não muito longo, não sendo obrigatório que a aparente ocupação aberta e a fortificada se tenham sucedido de imediato no tempo, recordando aqui as recentes reflexões sobre os abandonos na Pré-História (Valera, 2003); todavia, nada no conjunto artefactual parece apontar uma efectiva demarcação no tempo.

Este é composto por um reduzido número de formas, todas perfeitamente integráveis nas tipologias já reconhecidas na região (Calado, 2001), destacando-se as com base na esfera, ainda que estejam presentes escassos exemplares de taças de bordo espessado largo; estas últimas são aparentemente mais frequentes nos contextos mais antigos do Calcolítico regional (Calado, 2001, p. 92).

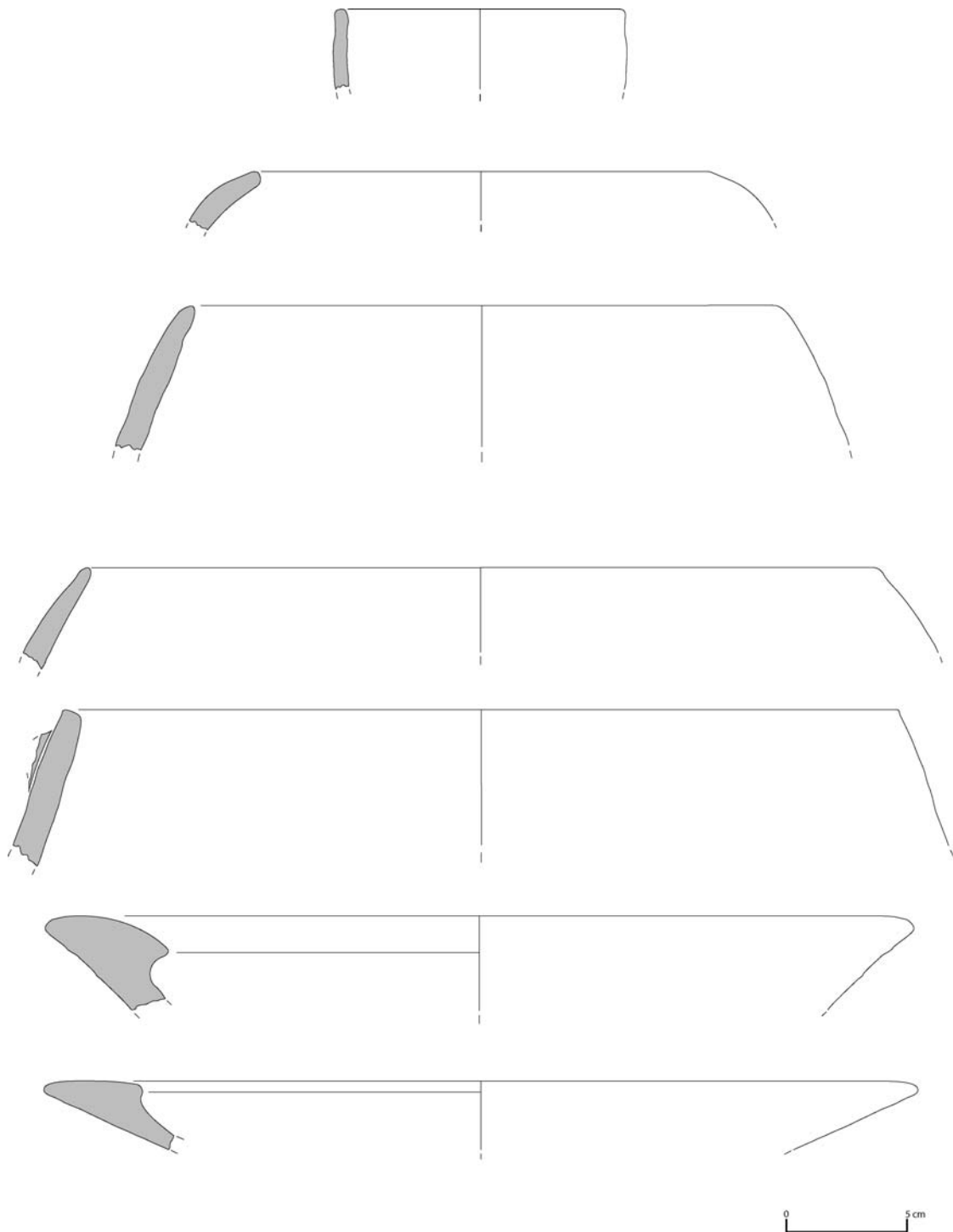


Fig. 8 Materiais recolhidos na UE[5] da campanha Rádio Borba no Alto de São Gens.

Os artefactos tecnómicos estão quase ausentes, tendo surgido apenas um pequeno machado de pedra polida; no entanto, no topo e na sua envolvente foram identificadas diversas mós “barquiformes”, eventualmente integráveis neste momento de ocupação, o que não é de todo obrigatório, ainda que seja mais usual associar à ocupação proto-histórica as mós de tipo “sela”, também aqui atestadas.

Do vale à Montanha – paisagem e beligerância na primeira metade do III milénio a.C. do Alentejo Central

O conhecimento dos IV e III milénios a.C. no Sudoeste peninsular, e no Alentejo Central em particular, passa por uma fase de profunda transformação, derivada em boa medida dos grandes projectos da Arqueologia de Salvamento, com especial destaque para o projecto de Alqueva.

É assim manifestamente difícil traçar novas linhas de rumo, dado o constante fluxo de informação a ser dada à estampa; todavia, creio ser possível esboçar, ainda que de um modo algo ligeiro, um quadro contextual a nível macro e microrregional para a ocupação calcolítica do São Gens.

A nível regional julgo pertinente observarmos o enquadramento do sítio em questão no âmbito da designada Região da Serra d’Ossa, unidade de análise do único trabalho exaustivo sobre a Pré-História desta região (Calado, 1995, 2001); será esta a base de trabalho do a seguir exposto, pelo que se evitará a reprodução das referências bibliográficas.

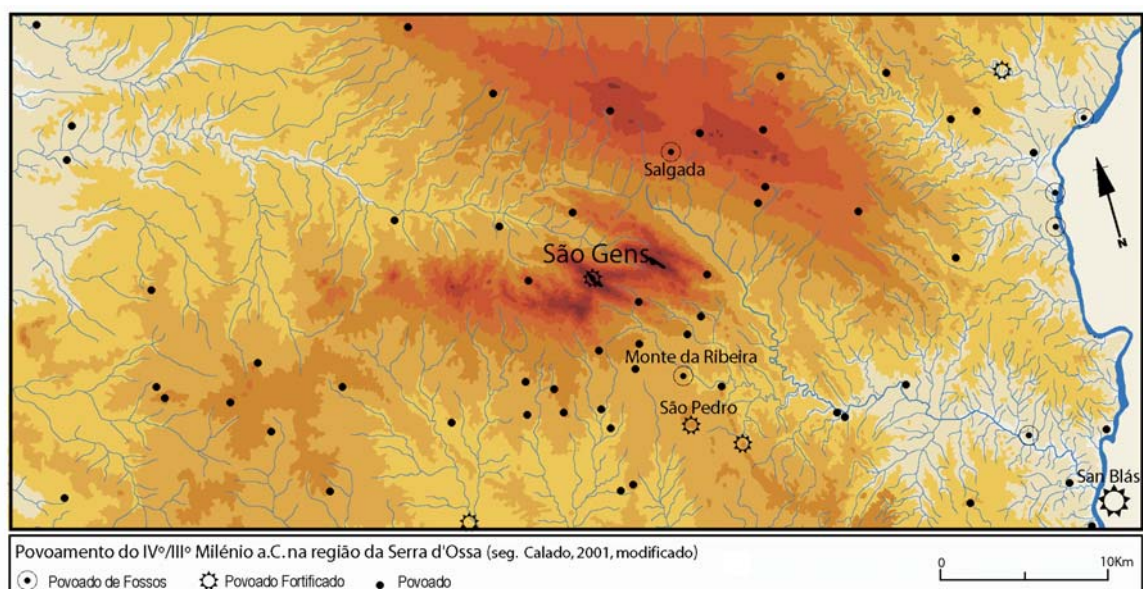


Fig. 9 Povoamento do IV/III milénio a.C. na região da Serra d’Ossa.

A Região da Serra d’Ossa encontra-se, como o próprio nome indica, centrada na serra, assumindo-se como um ponto de contacto entre as bacias do Tejo e do Guadiana (v. Fig. 9). A serra ergue-se cerca de 400 m acima da planície envolvente, estruturando visualmente a paisagem; com uma orientação NW-SE, está organizada em três grandes linhas de cumeeada, a do Castelo, a de São Gens e a de Evoramonte, situando-se entre elas importantes portelas.

Um outro elemento geograficamente estruturante da região da serra d’Ossa é o rio Guadiana, que axializa uma rede de cursos de água, do qual se destaca a Ribeira de Lucefécit e a sua bacia, pois

constituem um excelente corredor natural de ligação entre a serra e o rio. Geologicamente dividida entre o vigor dos xistos, e o suave ondular dos granitos, as condicionantes geológicas acabam por resultar num adensar e diluir do povoamento, que tanto se alcandora nas elevações mais destacadas da planície como se espraia em suaves lombas. Todavia, a serra propriamente dita, foi, segundo o autor do estudo, mais um território de fronteiras que um centro aglutinador do povoamento (Calado, 2001, p. 134). A presença de uma importante malha de instalações, como a Fonte Ferrenha, Argolia, Monte do Outeiro ou Pica na Velha, situadas nas margens da serra assim parece indicar. Ainda que o tempo seja algo difícil de aprisionar é possível assumir, com alguma credibilidade, a sua contemporaneidade, mesmo que parcial, durante a primeira metade do III milénio a.C.

O maciço calcário, situado a norte da serra, adensa a ocupação dada a riqueza dos solos e dos mananciais que brotam no seu sopé. Erguendo-se com algum vigor, estrutura o povoamento de um modo relativamente similar à serra, instalando-se os maiores povoados, como a Vigária, na sua margem. Junto ao sopé situa-se um dos grandes povoados conhecidos na área em apreço, a Salgada, implantado sobre um patamar junto de férteis solos, onde o horizonte surge recortado pelas cumeadas da serra, com destaque para o São Gens. A Salgada parece abarcar uma cronologia entre os finais do IV milénio a.C. e meados do III a.C., podendo associar-se, com alguma verosimilhança, aos cada vez mais conhecidos povoados delimitados por fossos.

Se, para norte da serra, a realidade geográfica é marcada pelo maciço calcário, para sul a planície abre-se em toda a largura, entrecortada pelo ondulado do xisto que aqui e além se ergue do suave pendor dos granitos. Na planura os limites espaciais são mais fluidos, tornando mais complexo assumir territorialidades, ainda que a vasta planície central do Redondo, que bordeja o lado Sul da serra, defina um espaço que parece ter funcionado em unísono.

Na planície surge um amplo povoado, com mais de 1 ha eventualmente delimitado por fossos, o Monte da Ribeira, que poderá, tal como a Salgada a Norte, ter desempenhado um papel relevante na estruturação do território, ao ser aquele que, provavelmente, comportava em termos locais um maior contingente populacional. Imediatamente a sul deste, numa destacada elevação que domina paisagisticamente a planície surge um complexo povoado fortificado, com 0,5 a 1 ha de área amuralhada, o São Pedro, agora em via de escavação (Fig. 10). Dotado de duas linhas de muralha num dado momento da ocupação, pode-se desde já afirmar que conheceu, ao longo da primeira metade do III milénio a.C., uma intensa actividade construtiva/adaptativa do complexo amuralhado.



Fig. 10 Vista da área central da escavação de São Pedro (Redondo); sendo perceptível a linha de fortificação mais interior, dotada de bastiões semicirculares.



Fig. 11 Localização do Alto de São Gens no Alentejo Central e principais povoados dotados de muralhas e/ou fossos.

Este partilha o controlo da planície com outras instalações implantadas em destacadas elevações, das quais se poderia realçar a vigorosa crista rochosa que fecha pelo lado nascente a planície central do Redondo; aqui se localizam os povoados do Caladinho e Vinha, apresentando este último indícios de uma estrutura de fortificação. No entanto, toda a planície aparece pontilhada por pequenas ocupações calcolíticas situadas em suaves colinas, como as Pereiras ou o Cabido, ou em áreas aplanadas como o sítio da Craveira (Calado e Mataloto, 2001, p. 97).

O rio Guadiana, já assumido como um eixo geograficamente estruturante, deverá ter desempenhado um papel determinante na organização territorial e populacional da região da serra d'Ossa, como o recente manancial de dados parece confirmar.

As intervenções em Juromenha 1 (Calado e Mataloto, 1998; Calado e Rocha, 2001a), Malhada das Mimosas (Calado e Rocha, 2001b) e Águas Frias (Calado e Rocha, 2004), mas também em San Blas (encostado à região da serra d'Ossa, mas na margem oposta do rio) (Hurtado, 2004), permitiram alterar substancialmente as perspectivas existentes sobre o final do IV e inícios do III milénio a.C. na região da serra d'Ossa, com repercussões que vão muito além desta área geográfica, transportando o discurso para uma problemática bastante mais vasta e complexa, impossível de aprisionar neste pequeno trabalho.

O final do IV milénio a.C. surge aqui de um modo, por assim dizer, pujante, com amplas instalações dotadas de fossos eventualmente perimetrais, de planta serpenteante, os quais deviam ser acompanhados por taludes no interior do espaço delimitado, perfazendo um sistema defensivo/demarcador claramente antecedente das fortificações que irão caracterizar a primeira metade do III milénio a.C. no Sul peninsular (Calado, 2000, p. 38).

A identificação destes espaços habitacionais dotados de fossos na região da serra d'Ossa parece vir confirmar a relevância, em termos regionais, mas também supra-regionais, dos ditos “povoados abertos” dos IV/III milénio a.C., reforçando a possibilidade de algumas das mais exten-

sas ocupações da região (Salgada e Monte da Ribeira) acompanharem esta tendência (Calado, 2001, p. 138).

A desapareição de grandes povoados como Juromenha 1 ou Águas Frias (Calado, 2000, p. 38; Calado e Rocha, 2004) antes ou na viragem do milénio poderá resultar de um processo de cinecismo que irá desembocar em gigantescos complexos muralhados, como o recentemente identificado junto ao Guadiana, na margem oposta da região da serra d'Ossa, San Blas, com cerca de 30 ha (Hurtado, 2004).

Igualmente nas imediações da região da serra d'Ossa, para Sul, foi identificado há escassos anos o povoado dos Perdigões (Lago et al., 1998), grande de 16 ha, rodeado de um amplo fosso de planta circular.

A presença de tamanhas entidades arquitectónicas e populacionais na envolvente geográfica da região da serra d'Ossa deverá ter desempenhado um papel fulcral na estruturação do povoamento e dos territórios a nível regional, podendo as fortificações que se têm vindo a reconhecer resultar da pressão exercida pela proximidade daqueles.

A fortificação de São Gens situa-se a pouco mais de 30 km em linha recta de ambos os mega complexos populacionais citados, instalando-se, claramente, num espaço de fronteira definido pela própria serra, acabando por reflectir todo o contexto de conflito patente nas diversas fortificações registadas.

Será que poderemos entender aqui a presença de amplos espaços territoriais centralizados em sítios como San Blas ou Perdigões, tal como foi proposto para Pijotilla no Médio Guadiana (Hurtado, 1995)? Ou teremos territórios menores, fortemente defendidos por povoados amuralhados de pequena e média dimensão, como o São Gens ou São Pedro na região da serra d'Ossa, centralizados em povoados médios como o Monte da Ribeira ou Salgada? Creio bastante mais plausível que a ocupação de São Gens tenha surgido num contexto próximo deste último.

Todavia, a aparente curta duração da instalação detectada no povoado em estudo parece apontar para a elevada instabilidade das ocupações, mas também dos territórios, que os contextos de elevada conflituosidade poderão gerar.

NOTAS

* Câmara Municipal de Redondo e Investigador do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
rmataloto@iol.pt

¹ Este artigo acaba por ser a natural continuação de um outro respeitante a outra intervenção realizada no mesmo local, pouco antes da agora noticiada; os resultados obtidos na escavação da área da RDP foram já entregues para publicação na Revista de Arqueologia vol. II, 2004, com o título - *Meio Mundo, o início da Idade*

do Ferro no cume da Serra d'Ossa. Meio Mundo é a designação local da portela entre as duas linhas de cumeadas mais elevadas da serra, Castelo e São Gens.

Este trabalho muito fica a dever ao Prof. Victor Gonçalves, ao Dr. Manuel Calado, ao Dr. Rui Boaventura e ao Dr. Artur Rocha que, ao terem acesso a uma versão inicial deste texto, permitiram coarctar alguns dos excessos do autor, sem que outros fosse possível eliminar.

BIBLIOGRAFIA

- ARRIBAS, A.; MOLINA, F.; CARRIÓN, F.; CONTRERAS, F.; MARTÍNEZ, G.; RAMOS, A.; SÁEZ, L.; DE LA TORRE, F.; BLANCO, I.; MARTÍNEZ, J. (1985) - Informe preliminar de los resultados obtenidos durante la VI campaña de excavaciones en el poblado de los Millares (Santa Fé de Mondújar, Almería). *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. Vol. II, p. 245-262.
- BARKER, P. (1982) - *Techniques of Archaeological Excavation*. 2nd ed. London: Batsford.

- CALADO, M. (1993) - *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M. (1995) - *A região da serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (edição policopiada).
- CALADO, M. (2000) - Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Adecap, p. 35-45.
- CALADO, M. (2001) - *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 19).
- CALADO, M. (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II série. 11, p. 122-127.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (1998) - *Relatório da escavação do povoado pré-histórico de Juromenha 1 - Alandroal. Campanha 1*. (Relatório inédito)
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta Arqueológica do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (em preparação) - *Carta Arqueológica de Vila Viçosa*.
- CALADO, M.; ROCHA, A. (2001a) - *Relatório da escavação do povoado pré-histórico de Juromenha 1 - Campanha 2*. (Relatório inédito)
- CALADO, M.; ROCHA, A. (2001b) - *Relatório da escavação do sítio da Malhada das Mimosas - Alandroal. Campanha 2*. (Relatório inédito)
- CALADO, M.; ROCHA, A. (2004) - *Relatório da escavação do povoado pré-histórico das Águas Frias - Rosário. Campanha 1*. (Relatório inédito)
- CARMAN, J. (2000) - War in Prehistoric Societies: A Review of some Current Ideas. *Era-Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 143-152.
- DÍAZ-DEL-RIO, P. (2003) - Recintos de fosos del III milenio a.C. en la Meseta peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 60:2, p. 61-78.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova série. 9-10, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- GONÇALVES, V. S. (1989c) - O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrogão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1 (88). *Portugalia*. Porto. Nova série. 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1990/91) - Tesp 3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 53-72.
- GONÇALVES, V. S. (1993) - A primeira metade do 3.º milénio no Centro/Sul de Portugal. Algumas breves reflexões, enquanto outras não são possíveis. In *Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 4, p. 117-131.
- GONÇALVES, V. S. (2002) - Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 163-189.
- GONÇALVES, V. S. (2003) - *Sítios, «horizontes» e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. 2.ª edição. Cascais: Câmara Municipal.
- HARRIS, E. C. (1979) - *Princípios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.
- HURTADO, V. (1995) - Interpretación sobre la dinámica cultural en la Cuenca Media del Guadiana (IV-II milenio A.N.E.). *Extremadura Arqueológica*. Cáceres-Mérida. 5, p. 53-80.
- HURTADO, V. (2002) - Intervención arqueológica en San Blas (Cheles, Badajoz). *Al-madan*. Almada. II série. 11, p. 206-212.
- HURTADO, V. (2003) - Fosos y fortificaciones entre el Guadiana y el Guadalquivir en el III milenio a.C.: evidencias del registro arqueológico. In JORGE, S. O., ed. - *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto/Coimbra: Centros de Arqueologia das Universidades de Coimbra e Porto, p. 241-268.
- HURTADO, V. (2004) - El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 61:1, p. 141-155.
- JORGE, S. O. (1994) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras do Porto*. Porto. II série. 11, p. 447-546.
- JORGE, S. O. (2002) - Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. *Património e Estudos*. Lisboa: IPPAR, p. 145-163.
- JORGE, S. O., ed. (2003) - *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto/Coimbra: Centros de Arqueologia das Universidades de Coimbra e Porto.
- JORGE, S. O. (2003) - Pensar o espaço da pré-história recente: a propósito dos recintos murados da península Ibérica. In JORGE, S. O., ed. - *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto/Coimbra: Centros de Arqueologia das Universidades de Coimbra e Porto, p. 13-50.
- KUNST, M. (2000) - A guerra no calcolítico na Península Ibérica. *Era-Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 128-142.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. (1998) - O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 45-152.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1985) - *Papauvas I, Aljaraque- Huelva. Campañas de 1976 a 1979*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1986) - *Papa Uvas II. Aljaraque, Huelva. Campañas de 1981 a 1983. Excavaciones Arqueológicas de España*. Madrid: Ministerio de Cultura.

- MÁRQUEZ ROMERO, J. (2003) - Recintos prehistóricos atrincherados (RPA) en Andalucía (España): una propuesta interpretativa. In JORGE, S.O., ed. - *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto/Coimbra: Centros de Arqueologia das Universidades de Coimbra e Porto, p. 269-284.
- MATALOTO, R. (2004) - Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da serra d'Ossa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 139-173.
- MOITA, I. (1965) - Sobrevivência de cultos de origem remota no interior do Alentejo. *Separata das Actas do Congresso Internacional de Etnografia*. Lisboa.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I - Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 29-79.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (2002) - Porto das Carretas: um povoado calcolítico fortificado do vale do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II série. 11, p. 176-180.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; CARDOSO, J. (1995) - Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia - Elementos para um estudo comparado. In *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica. Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, 3-5 de Abril 1987*. Lisboa: IPPAR, p. 159-168.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (2000) - Capturar a mudança na Pré-História Recente do Sul de Portugal. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. IV, p. 213-224.
- VALERA, A. (2003) - Mobilidade estratégica e prolongamento simbólico: problemáticas do abandono no povoamento calcolítico do Ocidente peninsular. *Era-Arqueologia*. Lisboa. 5, p. 127-148
- VALERA, A. (2003) - A propósito de recintos murados do 4º e 3º milénios a.C.: dinâmica e fixação do discurso arqueológico. In JORGE, S.O. - *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto/Coimbra: Centros de Arqueologia das Universidades de Coimbra e Porto, p. 149-168.
- ZAFRA DE LA TORRE, N.; HORNOS MATA, F.; CASTRO LÓPEZ, M. (1999) - Una macro-aldea en el origen del modo de vida campesino: Marroquíes Bajos (Jaén). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 56:1, p. 77-102.
- ZAFRA DE LA TORRE, N.; CASTRO LÓPEZ, M.; HORNOS MATA, F. (2003) - Sucesión y simultaneidad en un gran asentamiento: la cronología de la macro-aldea de Marroquíes Bajos, Jaén. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 60:2, p. 79-90.